

Exposição Kawa-Kami | Fevereiro e Março de 2022

“Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes”- Gaston Bachelard

Faz um ano que iniciei uma pesquisa acerca do Casarão do Chá, lendo sobre a sua origem, sobre a sua passagem pelo tempo através de imagens, vídeos e documentos de arquivo. Faz um ano que a sua arquitetura, o seu legado e a história de sua reconstrução me fascinaram. Um edifício de fusão, um vestígio da imigração japonesa na região onde nasci e talvez um símbolo nostálgico do Japão no Brasil. Este interesse surgiu no meio de uma busca pessoal pela minha própria ancestralidade. Eu que nunca visitei o Japão e não me interessava muito por nada que viesse de lá, talvez porque o Japão representasse para mim um lugar hostil, um lugar para onde muitos familiares foram imigrar, um lugar distante e de trabalho árduo. Este novo interesse pelos ancestrais, reais ou imaginados, teve origem num processo de migração e embate com a minha própria identidade como brasileira (moro em Portugal) e potenciado por um processo de luto. Kawakami era o sobrenome da minha avó.

Este luto metamorfoseado em metáforas, símbolos e objetos (exposições Memórias da Água -2020 e Corpo-Fumo -2021) foi a força motriz de um intenso processo criativo. Voltar a casa, à cidade natal, às raízes e ocupar um espaço como o Casarão do Chá é para mim também símbolo de resgate (de memórias, de sensações e de gestos) e de renovação. Voltei também a pensar através das mãos, a valorizar os materiais como fontes de significado: mexer no barro, na madeira, nos minérios, no metal e no tecido. Os materiais trazem de volta ao corpo memórias ancestrais.

Gosto de pensar no fluxo de um rio, no correr das águas, como o próprio curso da existência. Nascente como começo e a foz como recomeço. Aqui há um cruzamento entre este rio simbólico e o Rio Tietê, o “rio das cobras” que testemunhou um passado de extração e exploração das terras e a história de tantos povos que também foram explorados (tamoios, guaianases, negros africanos, imigrantes incluindo os povos japoneses, entre tantos outros). Mogi das Cruzes, uma das cidades mais antigas do país, foi fundada na expectativa da exploração da terra, da extração do ouro e da escravização dos indígenas, algo que não é extraordinário ao se pensar em Brasil. O ouro aparece no contexto desta exposição por duas vias: a via do sagrado e do luminoso (pesquisa iniciada em 2018 sobre a luz como metáfora) e a via da extração da terra.

Vou traçando cartografias afetivas e penso no Chá. Penso na construção de significado, na perícia do gesto e no respeito pelos objetos e pelo momento presente. O Chá ensina a silenciar, a circunscrever um espaço onde é possível experienciar o sagrado. No processo criativo desta exposição penso em como tocar em tantos assuntos e memórias e ainda sim encontrar suspiro e silêncio para a contemplação. Kawa-kami é um convite a imaginar a renovação das águas. As águas limpam e nutrem. As águas condensam, precipitam, infiltram e sublimam. Mas as águas nunca findam.

Juliana Matsumura

Fevereiro de 2022

→ O que é tempo?
 Qual é o meu?

TEMPO

Lugar é onde

Apogeu da Imaginação

SIGNIFICADO | SENTIMENTO

ÁGUA

CHÁ

Perquirições enquanto memórias

Conceito do Chá

Imaginação própria

Anistrolidade histórica

IDevidade

Anistrolidade Personal

SAZÃO

relação Humana - Natureza

gesto preciso

Estética

naturais naturais

gestação

Espaço-tempo ENTRE

Intensidade

Lugar de Poluição

Brasão

"S. Lívico prumo de sons"

J. Coag

família

↳ sombras

Sagade

VIDA entre momentos e morte

ausência e morte

LUTO

Morte

FRAGMENTAÇÃO RUPURA

Mata Atlântica

heraldada

Poluição

Abundância

TECER

Rio Trilú

Neg das luzes

Puma Bamber

Tray for

Imaginação

RIO

OURO

Sagade